



## **DIVERSIDADE SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: REFLEXÕES A PARTIR DA VISÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS**

**Jose Hildemarcio Mendes Soares; Joseval dos Reis Miranda**

Estudante do Curso de Administração, da Universidade Federal da Paraíba, [marcio.017@hotmail.com](mailto:marcio.017@hotmail.com); Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, UFPB – Campus I [josevalmiranda@yahoo.com.br](mailto:josevalmiranda@yahoo.com.br)

**RESUMO:** A sexualidade é algo inerente aos seres humanos, mas ainda é um tabu em diversos espaços sociais, sobretudo, na escola que tem o papel de formação e construção do cidadão para viver em sociedade. No entanto, a educação tem um papel importantíssimo para o reconhecimento e valorização das diferenças, da diversidade sexual. Neste sentido, esta pesquisa busca compreender como os professores do Ensino Médio regular desenvolvem a sua prática pedagógica frente à diversidade sexual, como os professores veem a diversidade em relação à sexualidade existente na escola e na sociedade, e ainda, de que forma são trabalhados por estes os temas com relação à diversidade sexual, bem como quais os desafios enfrentados por eles/as no seu trabalho pedagógico na sala de aula. Assim, buscamos contar as histórias e narrativas de professores/as que lidaram e lidam com educandos que muitas vezes apresentam sexualidades das mais diversas, como também discriminações e preconceitos entre si e conseqüentemente no meio social. Para composição deste estudo foram importantes as entrevistas com dois professores/as de cada área de conhecimento de uma escola da rede pública do município de Caiçara-PB, sob uma abordagem qualitativa, como também, pesquisas bibliográficas para que se possa legitimar e embasar a investigação. Sendo possível conhecer um pouco do cotidiano daquela escola e das práticas pedagógicas dos professores/as frente às manifestações da sexualidade e/ou os desdobramentos perante tais questões na qual ficou evidente o despreparo e a falta de formação docente para o trabalho com a diversidade sexual no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Diversidade Sexual, Educação e Sexualidades, Gênero.

### **INTRODUÇÃO**

A sociedade contemporânea está marcada pela fluidez, pela efemeridade e pela dúvida. Buscam-se respostas e certezas que lhes fixem em algo ou alguma coisa que possa ater, ou seja, o contexto social acontece de forma tão rápida e transformadora que a sociedade muitas vezes não consegue acompanhar.

A situação é tão tensa que as pessoas se fecham interiormente, se isolando ou tentando se proteger de qualquer coisa que não sabe o quê, chegando a excluir tudo o que sua consciência denota que é ruim, errado, pecado, enfim, alguma

coisa suspeita. E o pior é que esse sentimento de rejeição se externa, de tal maneira que prejudica quem está ao seu redor e conseqüentemente a toda uma sociedade que depende das boas relações para que se desenvolva em todos os aspectos.

Além do mais, as conseqüências desses indivíduos que não buscam conhecer sua realidade ou pelo menos respeitá-la são desastrosas, pois coloca em risco vidas alheias, chegando a levá-las a traumas e mortes. No entanto, algo precisa ser mudado ou feito, e nada melhor do que



começar pelas instituições educacionais, passando a debater, discutir e dialogar sobre diversidade sexual presente na sociedade.

A proposição desta pesquisa foi conhecer como os professores e professoras do Ensino Médio regular desenvolvem a sua prática pedagógica frente à diversidade sexual, identificando e analisando de que forma são trabalhados pelos professores os temas com relação à diversidade sexual na sala de aula, e quais os desafios enfrentados por estes no seu trabalho pedagógico. Esta é uma pesquisa se desenvolveu no ano de 2015.

Esperamos com essa pesquisa contribuir para conhecer essas questões que envolvem as ocorrências da diversidade sexual, através de entrevistas e de bibliografias pertinente ao recorte temático, dialogando, por exemplo, autores que discutem as temáticas aqui mencionadas.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para execução desta investigação foi adotada a pesquisa sob uma abordagem qualitativa, uma vez que o objetivo é conhecer os posicionamentos dos indivíduos envolvidos e as situações por estes vivenciadas na classe, conseqüentemente na relação professor/aluno. Isso foi possível

através de entrevistas de forma semiestruturadas para um melhor direcionamento com o objeto de estudo.

Dentre as fontes de pesquisa a serem utilizadas para cumprimento desta pesquisa, destacam-se as entrevistas, que serviu de mote para todos os entrevistados, para que pudéssemos fazer comparações e análise dos dados coletados.

Também foram utilizadas pesquisas bibliográficas para que se possa legitimar e embasar a investigação, bem como ter um conhecimento prévio e amplo do que vai se trabalhar.

Os participantes da pesquisa foram os professores do Ensino Médio regular de uma escola da rede pública, situada no município de Caiçara-PB. A escola possui um corpo docente formado por 15 professores/as, mas a escolha dos entrevistados se deu por área de conhecimento, uma vez que o currículo do Ensino Médio regular está dividido desta forma. Foram escolhidos dois professores/as de cada área.

Portanto, buscamos contar as histórias e narrativas dos professores a partir das entrevistas ou memórias destes que lidaram e lidam com educandos/as que muitas vezes apresentam sexualidades das mais diversas, bem como discriminações e preconceitos entre si e conseqüentemente



no meio social, visto que não compreendem o social.

## **REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO**

Muito se tem falado sobre gênero. No entanto, este assunto não é uma discussão recente, mas que se arrasta desde anos e que provoca discussões e divisões de opiniões que nunca chega a um consenso, e possivelmente não sabemos se chegará um dia, mas trouxe mudanças importantes.

Nos últimos anos a questão de gênero tem ganhado uma proporção muito maior, onde as pessoas têm dito sua opinião, dizendo e falando o que pensa, provocando ainda mais efervescência em torno deste tema. Porém, o que é gênero, afinal? Será que sabemos realmente o que diz o conceito de gênero? Ou, estamos apenas reproduzindo o que ouvimos pela mídia, pelas pessoas que nos cercam, pela religião? Nesta perspectiva, muita coisa é divulgada entre as pessoas, gerando boatos e consequências indesejáveis e desumanas, seja pela discriminação e preconceitos, traumas e mortes.

O conceito de gênero tem fundamento científico, e não algo instituído e finalizado pelo senso comum, pois,

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social

do sexo anatômico. [...] criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social. [...] gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. (GDE, 2009, 39).

Isto mostra que o sexo social difere do biológico, ou seja, um indivíduo pode nascer homem ou mulher com pênis e vagina respectivamente, mas seus gestos e gostos podem ser outros. No entanto, a biologia não é negada, mas a construção social e histórica predomina sobre as características biológicas, isto é, o contexto social se sobressai, prevalece (LOURO, 2003, p. 22).

Este conceito é relativo, uma vez que as sociedades e os tempos históricos são diversos, visto que “na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando” (LOURO, 2003, p. 23). Segundo Meyer (2004, p. 15), os indivíduos são transformados e aprendem a se reconhecer como homem e mulher no âmbito das sociedades e grupos que pertencem. Isso significa que o indivíduo se constrói de acordo com os valores sociais vigentes em uma determinada época.

É importante observar que “gestos, modos de se vestir, de sentir ou falar



podem ser considerados femininos em alguns lugares, masculinos ou mesmo indiferentes em outros. Esta variação corresponde a cultura” (GDE, 2006, p. 46). Neste sentido, discorrer sobre o conceito de gênero,

[...] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 2003, 23).

A visão sobre este conceito do ponto de vista do senso comum mostra que o corpo representa o que deveria ser o gênero. Afinal, os modelos são estabelecidos desde o nascimento, quando o pai e a mãe ao saber do sexo, dá-se o início de toda uma construção do masculino e do feminino. Assim, “as diferenças de gênero são interpretadas como se fossem naturais, determinadas pelos corpos” (GDE, 2009, p. 41).

Atualmente, falar em gênero é compreender uma sociedade que comporta um pluralismo e uma diversidade sexual. Ou seja, existem vários gêneros que compõe a sociedade e já não se admite mais rotular os seres humanos em masculino e feminino. O/a professor/a C fala a respeito disso, dizendo: “São os diversos gêneros né, hoje

encontrados na sociedade. Antes nós tínhamos apenas o gênero masculino e o gênero feminino, biologicamente falando, mas hoje em dia há aqueles que não se classifica com nenhum, nem outro”. Isto comprova não só uma opinião de conhecimento sobre o assunto em questão, mas também, representa que a maioria dos docentes entrevistados compreende o contexto social, uma vez “que existe vários gêneros, várias orientações”, como bem enfatiza o/a professor/a F, que compõe a sociedade e já não se admite mais rotular os seres humanos em masculino e feminino.

Assim, mesmo que os padrões estejam sendo impostos pelas vias institucionais da religião, da família, as relações socioculturais sempre iram prevalecer, constituindo novas formas e manifestações de gênero.

Diante destas colocações, é importante observarmos que a discussão em torno da questão de gênero é muito mais ampla e complexa, porque pensar sobre gênero, não atrelado apenas à sexualidade, mas em um campo maior. Isso faz-nos perceber que é algo muito relativo e cultural e que é difícil conhecer as especificidades das sociedades completamente.

### **Abordagens sobre diversidade sexual**



A diversidade sexual também é uma questão bem complexa, uma vez que a sociedade apresenta manifestações das mais diversas, bem como culturalmente falando fora desde sua formação educada com padrões heterossexuais muito fortes e legitimada pela religião, pela família e pelo social. E tudo que não se adequa neste modelo é considerado “anormal”, estranho, errado, pecado, dentre outros adjetivos.

A heteronormatividade é o conceito criado “para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal” (DINIS, 2011, p. 42). Deste modo, “o que se sabe é que a orientação sexual existe sem que a pessoa tenha controle direto sobre ela. Não se trata de algo que se escolha voluntariamente ou se modifique segundo as conveniências” (GDE, 2009, p. 127), já que ser “homo”, “bi” ou “trans” não é uma escolha sexual, mais algo construído social e culturalmente. “*É algo íntimo de cada um, é algo da pessoa, é algo do indivíduo*”, assim disse o/a professor/a Y em sua entrevista. De forma a complementar e semelhante, também, pensa seu/sua colega de trabalho L quando afirma que “*o homem é produto do meio*”, visto que tem todo um contexto social.

Uma leitura é que as concepções de ambos/as entrevistados/as se inter-relacionam demonstrando certo

concordância com os estudiosos e conhecimento sobre o assunto. Notamos que os seres humanos adquirem individual e interiormente suas características a partir do meio social, do convívio. E um determinado acontecimento pode ter um significado para um e totalmente diferente para outro. Isso depende de indivíduo para indivíduo.

Nesta perspectiva, sexualidade não se muda. Ela se desenvolve ao longo da vida devido a diversos fatores. Não é uma escolha consciente. Afinal, a sexualidade não tem uma regra, mas uma diversidade de significados que se expressa individualmente e indistintamente a padrões e comportamentos (GDE, 2009). Portanto, “toda identidade sexual é uma construção instável, mutável, volátil, uma relação social contraditória e não finalizada” (BRITZMAN, 1996, p. 74), disse a pesquisadora canadense Britzman.

Até aqui fica evidente que “os direitos das pessoas consideradas diferentes são violados” (GDE, 2009, p. 148), pois a heteronormatividade não admite condutas distintas do modelo estabelecido. Fato que ocorre tanto explicitamente como velado e/ou disfarçado. Não é à toa que “chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com roupagem



metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento” (PORTER, 1999, p. 325).

Segundo uma das professoras entrevistadas e se colocando enquanto indivíduo, diz: “[...] a gente tem preconceitos, até o momento que a gente não se enxerga naquela posição” mas será que só isso é o bastante para o fim do preconceito? Diante do que foi discutido, podemos perceber que não, porém essa pode ser uma boa ferramenta para uso dos professores/as na mostra do preconceito em sala de aula.

A estigmatização em relação às manifestações sexuais leva a inferioridade, produz e reproduz relações de desigualdade social, bem como horroriza não só aos considerados “diferentes”, mas a todos que podem ser acusados ou taxados de homossexual, por exemplo. Além disso, a estigmatização “monitora o tipo de contato físico que é possível haver [...] vigia e acusa tudo que considera ser um ‘desvio’, controlando as fronteiras do ‘natural’ das relações ‘entre os sexos’” (GDE, 2009, p. 152).

Assim, muitas são as classificações de gênero que a sociedade desconhece e não entendem, pois “podemos encontrar grande diversidade de nomeações,

representações e identidades que dizem respeito a estilos de vida, preferências estéticas, imagem corporal, idade e geração, classe, religião, etnia/raça, gênero” (GDE, 2009 p. 130). Isto demonstra que não existe rótulos para descrever a sexualidade humana, mas pessoas que tem desejos diferentes.

### **A diversidade na escola**

É notório que as relações humanas e com o meio tende a mudar com o tempo, principalmente quando se fala em aspectos culturais e sociais. E essas relações atualmente vêm passando por transformações das mais diversas e num ritmo bem acelerado, podendo até dizer que a sociedade vivencia uma fluidez e efemeridade inexplicável, de modo a não nos permitir ter certeza. Levando a uma multiplicidade indefinida (REZENDE, 2006, p. 39).

E não foi diferente com a sexualidade humana, originando novas configurações, novos comportamentos que já não se admite mais rotular ou classificar, nem tão pouco falar em sexualidade, mas sexualidades.

A sociedade e, especialmente os/as professores/as na sua grande maioria não estão preparados para lidar com essas mudanças vista no seu próprio alunado,



uma vez que sua construção social foi outra e em outro tempo com modelos diferentes. Porém, quando indagados, alegam que compreendem e aceitam as manifestações sexuais, mas afirmam: “*eu sou hetero, quero permanecer assim, quero que meus filhos sejam, né*”, diz o/a professor/a L. Na verdade, compreender talvez, mas aceitar provavelmente que não, pois quando aceita isso é independente de qualquer pessoa, até mesmo o filho, como podemos ver na fala do/a professor/a C:

*...eu quero que meu filho seja heterossexual né... eu quero que ele case, que ele tenha uma esposa, que ele tenha filhos, por que essa é minha conduta, e é essa conduta também que eu quero passar pra meu filho né. Existe um preconceito nesse sentido, agora esse preconceito eu não posso de modo nenhum deixar claro pros meus alunos ou pra sociedade porque é meu né e por ser meu eu não acredito que tenha que passar pros outros, nem o direito também, né. Agora eu respeito toda e qualquer classe, ou qualquer escolha sexual.*  
(PROFESSOR/A C).

Diante das falas de ambos entrevistados/as, percebemos a carga de preconceito em suas palavras, pois pode até conhecer, mas será que compreendem as manifestações sexuais? Pode até respeitar, como bem expõe, mas o respeito vem pela simples obrigação da profissão. Então, percebemos que há um preconceito em relação à diversidade sexual por parte destes, e importante que o/a professor/a reconhece, mas mesmo assim se

omite diante da situação, sendo “amoladores de faca”, de acordo com Dinis (2011). O preconceito e os estereótipos é uma dificuldade a ser enfrentada por si e também para a sociedade, pois eles/elas são formadores/as de opiniões, ainda mais ao lidar com alunos que apresentam manifestações diversas. No entanto, isso são resquícios de uma cultura discriminadora forjada por tempos passados e cultuada ao longo do tempo e, os/as entrevistados/as fazem parte deste contexto social.

A partir do discurso deste/a professor/a percebemos a negação e o silêncio em não trabalhar a temática em questão com seus alunos, sejam de forma consciente ou inconsciente. E mais, esta e os outros entrevistados/as afirmaram que nunca abordaram em aula sobre a diversidade sexual, apenas pequenas questões ou questionamentos pelos alunos/as num dado momento de determinada aula qualquer. Para Fontes (2009, p. 106) “o silêncio pode ser considerado sinônimo de omissão e negligência por parte de uma das instituições mais poderosas de formação de valores e práticas de igualdade, a escola” e isso significa que os/as professores/as é a ferramenta essencial para mudança, para a quebra desses estereótipos.



Por outro lado, esses/as professores/as temem não conseguir repassar a seus/suas alunos/as de forma “correta” o conteúdo, isto é, “*de passar uma informação errônea, errada. Eu não tenho ainda segurança para conversar*”, diz o/a professor/a K. Já outros, como o/a professor/a X pensam que “*ficaria mal vista por eles*”. E mesmo, por medo de represália da sociedade.

Esse é um grande desafio da atualidade, ter professores/as que possuam formação e tenham a coragem de trabalhar a temática em destaque na promoção da não discriminação, pois constantemente são bombardeados pelos discursos sociais e midiáticos principalmente e levados a ceder às regras vigentes.

Segundo Dinis (2011) em seu artigo “Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência” traz questões pertinentes acerca dessa diversidade sexual, abordando diversos aspectos que envolve tal temática, a exemplo do preconceito em vários espaços, da linguagem carregada de discriminação, das generalizações, os estereótipos de anormalidade e doença e as consequências no ambiente escolar, pautadas pelas evasões de alunos, as dificuldades, os medos e a omissão dos professores.

De acordo com Rios (2009) apud Dinis (2011) o uso do termo

masculino homossexualidade serviu para “a proliferação de outros termos objetivando designar formas correlatas e específicas de discriminação, como putafobia (prostitutas), transfobia (travestis e transexuais), lesbofobia (lésbicas) e Bissexualfobia (bissexuais)”. Deste modo, percebemos que uma única expressão levou vários abusos, possivelmente por que o machismo ser muito mais forte entre os homens do que as mulheres, bem como a linguagem não admite tratamento adequado e inclusiva para com todos os seres humanos, por ela ser antiquada e formada por termos masculinos (GDE, 2009).

É assim que muitos preconceitos e estereótipos surgem para reforçar e projetar os conflitos sociais por meio de discriminações que permeiam todos os espaços sociais, sobretudo o educacional. A discriminação é um fato que assola as escolas brasileiras que se “expressa por meio de agressões verbais e/ou físicas a que estão sujeitos estudantes a se adequar a heteronormatividade”, diz Dinis (2011).

Isso faz-nos pensar na importância do/a professor/a crítico, capaz de analisar seus efeitos enquanto profissional e a sociedade de modo geral. Deste modo, “*talvez por que a gente não ensine a tolerância, nós temos uma parcela de*



*culpa a essas agressões”, disse o/a professor/a X.*

É por meio destes discursos que notamos o descaso e a supressão de professores/as ao não abordarem a temática, e por meio de suas falas é perceptível que eles próprios têm consciência das consequências que eles/as provocam em não trazer para sala de aula. É possível notar que mesmo tendo conhecimento eles/as optam pela neutralidade e isenção da conjuntura escolar e consequentemente social. E onde fica o/a professor/a que analisa a sociedade? Temos, ao se tratar da diversidade sexual? Infelizmente muitos se isentam porque é mais cômodo.

No mais, a discriminação é um fardo que impõe alunos considerados “desviantes” ou “diferentes” por sua orientação sexual ao silenciamento de si, a traumas, a ressentimentos e evasão escolar, entre outros resultados. Então, o padrão vigente heteronormativo além de mostrar o que é “certo” e “natural”, mapeia e vigia as “anormalidades” (GDE, 2009).

Em relação à sexualidade, especialmente na escola, Dinis (2011) expõe em seu artigo que,

[...] existe o medo de a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem as comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de ‘recrutar’

jovens inocentes. [...] o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos. (BRITZMAN, 1996, p. 79-80 *apud* DINIS, 2011, 43).

A partir dessa citação, dá-se a noção das relações de poder nos discursos repressivos e coercitivos emitidos pelas diversas instituições sociais que (re) produz (pré) conceitos sob sua concepção. Discursos estes que muitas vezes são postos como a “verdade absoluta”, sem admitir contestações, e que professores/as temem contrapor tais questões, até mesmo para que não sejam taxados/as de homossexuais, por exemplo, ou ainda, de incentivadores de condutas fora da norma.

Para Foucault (2001, p. 93) os discursos estão sempre carregados de mecanismos de poder e que não existe uma “verdade” natural, isto é, são sempre resultantes de poder, onde absorvemos comportamentos e condutas sob o controle, a disciplina dos discursos, bem como somos produtos do poder, poder este que dita à verdade e institui nossa sexualidade.

Neste sentido, a “escola”, não generalizando, torna inviável para o reconhecimento e valorização da diversidade, visto como um lugar que nega, silencia, ignora e discrimina a diversidade sexual. Por outro lado, isto são resquícios da nossa sociedade machista,



presa a discursos científicos obsoletos e da religião que não permite outra sexualidade a não ser a heterossexualidade, sendo de certa maneira responsáveis pelo extermínio de jovens (as), pois mesmo que não faça o ato, acaba por gerar discursos preconceituosos (como anormalidade, pecado, doença, desvio de comportamento) e consequentemente a morte de muitos diariamente: são como amoladores (as) de facas (DINIS, 2011).

Assim, “a omissão e o silenciamento significam pactuar com a violência exercida contra estudantes gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais” (DINIS, 2011, p. 48-49) e por que não dizer todas as manifestações sexuais. Neste sentido, os profissionais educadores precisam rever suas atitudes condescendentes com práticas que traz implicações tão desumanas para com o outro, sem falar que se trata de humanos iguais a si e com direitos também iguais.

## **CONCLUSÕES**

A sexualidade e suas manifestações são plurais, a tal ponto que não é possível classificar ou rotulá-las, e estas estão ligadas diretamente ao contexto sociocultural, ou seja, não é uma escolha, mas espontânea e naturalmente se apresenta. No entanto, os indivíduos confundem o biológico, que está

ali diante do espelho, com o gênero, que é uma construção social, uma vez que a pessoa ao nascer é um ser neutro, sendo formada pelo meio, pela sociedade, uma construção. Porém, muitos não compreendem tal fato.

Neste sentido, a escola tem o papel de desconstrução desses (pré) conceitos frente as multiplicidades sexuais, especificamente os professores e professoras ao desenvolverem a sua prática pedagógica a seus alunos. E mesmo, os desafios e desdobramentos enfrentados por estes no seu trabalho pedagógico, é necessário seu posicionamento crítico e racional com relação à diversidade sexual na sala de aula.

Sendo os/as professores/as do Ensino Médio regular o foco deste estudo, buscamos a partir de suas narrativas captar como esses lidam com a diversidade sexual de seus alunos. O que entende sobre o assunto, bem como sua visão e como trabalha com seus educandos, de modo, a conhecer por entrevistas e observações aos professores/as a realidade pedagógica desta instituição.

Contudo, para a maioria dos professores, a diversidade em relação à sexualidade existente na escola e na sociedade, é visto como algo normal, uma vez que entende, percebe e aceita,



sobretudo por ser professor/a. No entanto, nunca trabalharam conteúdos relacionados às manifestações sexuais diretamente, seja por omissão ou mesmo por falta de preparação de como abordar o tema, visto que tem a ferramenta de contextualizar e analisar o meio, mas não faz, apenas reproduz uma cultura heteronormativa, talvez por colocar seu lado pessoal acima do profissional. E ainda, sabemos que o professor/a se detém muito ao que está posto no livro didático, ficando muito refém deste, uma vez que a maioria não aborda a temática. Ou mesmo, pelo próprio preconceito.

Os/as professores/as entrevistados possibilitaram conhecer um pouco da realidade escolar daquela escola, bem como suas dificuldades pessoais e profissionais. Deste modo, todos os professores contribuíram significativamente, mostrando que eles têm desafios pessoais ou interiores a vencerem, bem como profissionais, uma vez que são omissos ao trabalhar conteúdos referentes às manifestações sexuais.

A ação das instituições educacionais é de inteira e essencial importância na promoção dos direitos sexuais das pessoas, pois ela pode promover o entendimento da pluralidade sexual, bem como proclamar a igualdade e o respeito. Para isso, passando a debater, discutir e dialogar com a

diversidade sexual presente na sociedade. E a partir de práticas pedagógicas inclusivas poderão fomentar um ambiente seguro e formador de cidadania, consequentemente difundir esses ideários ao público e consequentemente a outros espaços.

No mais, esse estudo nos possibilitou conhecer uma realidade periódica presente nesta escola pelos/as professores/as, mas nunca uma verdade absoluta, pois a sociedade muda, juntamente com seus atores sociais. Ou seja, é um estudo que tem sua importância atualmente, porém no futuro pode ser sobposto por outras, enfim, é uma pesquisa que foi concluída, contudo, pode ganhar outros significados e fôlegos investigativos.

Desse modo, essa situação precisa ser revista, pois a sociedade como um todo já não se enquadra como gênero masculino ou feminino. E mesmo os/as professores/as tendo essa noção, eles têm medo de abordar na sala de aula por represália da sociedade. Por outro lado, os/as professores/as respeitam as manifestações sexuais, afinal a profissão exige, mas a maioria não aceita os que fogem da norma. Ou seja, vê e entende a realidade, mas não faz nada para mudar o preconceito, a discriminação e a violência, pois no fundo pensa e tem seus valores imbricados pelo



modelo heterossexual.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Fontes orais: “Histórias dentro da história”**. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). In: Fontes históricas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. Pp. 155 -202.
- ALMEIDA, Vagner de; e KAMEL, Luciana (Dir.). **Escola sem homofobia: construindo para a diversidade**. Produção ABIA, Nova Iguaçu/ Duque de Caxias – RJ, 2006.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.21, n. 1, jan./Jul. 1996.
- CARRARA, Sérgio (Orgs.) et al. **Curso de especialização em Gênero e Sexualidades**. V. 6 e 7 – Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília-DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.
- DANTAS, Paulo. O medo fora do armário. In: **Homofobia: por que persiste a ira contra os homossexuais**. Revista Nordeste, Ano 3 – Nº 33 – mar. /2009, p. 42-47.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista. n. 39, p. 39-50, Curitiba, jan. /abr. 2011. p. 39-50. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>> acesso em 27 de junho de 2015.
- FONTES, Malu. Ilustrações do silêncio e da negação. In: LIONÇO, Tatiana; e DINIS, Debora (org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: Ed UnB, 2009. p. 99-144.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. **Livro de conteúdo**. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Revista Interações**, v. 9, n. 26, Número Especial, 2013. p. 129-151.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed.- Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, deficiência e gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 265-291.
- MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Rev. Bras. Enfermagem**. Brasília, v. 57, n. 1, p. 13-18, fev./2004.
- NASCIMENTO, Marcos. (Re)pensando as “masculinidades adolescentes”: homens jovens, gênero e saúde. In: UZIEL, Ana Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard Guy (Orgs.). **Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids**. Rio de Janeiro: Pallas, IMS/Uerj, Abia, 2004. p. 105-112.
- PORTER, Roy. História do Corpo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- REZENDE, Antônio Paulo. A sedução do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. In: ERTZGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo, 2006. p. 35-55.